



Tom Zé



O GÊNIO DE IRARÁ

É muito difícil passar para o papel o brilho de um show. Mais difícil ainda, na impossível, é fazer de arte jornalismo. Como é que você vai eliminar trecho vaivém literário que se interliga ao longo da obra inteira? E isso é que foi o em Tom Zé. Um espetáculo de criatividade, música, inteligência, muito hum principalmente, superbrasileiro.

→ Tom Zé - (começa entregando Os Sertões, de Euclides da Cunha, presente para a redação) Es dedicatória: "Para pleitear um cantinho entre caríssimos amigos, esse Os Sertões, livro que m analfabeto". E tem outra coisa curiosa aqui, que é um momento em que ele (Euclides), cita Ped historiador que, talvez castigado por ter dito tal coisa, tornou-se nome daquela estrada xexele Santos e o litoral sul. Pedro Taques disse, endossado pelo próprio Euclides, que os nordestino verdade os primeiros bandeirantes e, porque ficaram insulados naquela região, sem comunica acabaram se tornando os paulistas que mais puros se conservaram. Quer dizer, nós somos a fi Paulicéia. (risos) É claro que isso é uma provocação para vocês me perguntarem por que esse tornou analfabeto. Bom, é melhor que vocês comecem...

José Arbex Jr. - Então, por que ele te tornou analfabeto?

→ Tom Zé - É o seguinte: eu tinha quinze anos, tinha sido um aluno normal da escola primária em Bahia (Salvador) eu comecei a ir mal no ginásio. Lá pelo 3º ano, depois de várias peripécias, d procedimentos problemáticos com a família, de fugir de casa, de roubar dinheiro do meu tio, d que eu era um delinqüente em potencial, lá pelo 3º ano de ginásio, eu compliquei tanto que fiqu segunda chamada. Não sei se existe isso ainda, é conio se você fizesse recuperação de todas estudando durante todo o período de férias, como castigo. E minha mãe me dizia: "Seu vagabu você tem que estudar." E me botava de 1 às 5 horas da tarde num quarto trancado com os livro tinha dois gibis. E veja que eu era proibido de ler gibis, mesmo no lazer, porque sou de uma fa comunistas e meus tios me diziam: "Você não pode nem ler gibi nem tomar Coca-Cola" (risos). queriam levar os Estados Unidos à falência (mais risos). E o tal gibi tinha ainda um segundo ar contra ele que era: "Se você lê, com quadrinho desenhado, não usa a imaginação". Por isso eu livros, mas gibi, não. Então eu estava no quarto de 1 às 5 horas e, quando os meus gibis acaba começou o tédio. Os livros da escola eu não suportava, havia um livro em cima do nicho lá de c Sertões, de Euclides da Cunha. Eu olhava aquela encadernação escura e dizia: "Putaque pari ser o diabo". Porque eu ouvia os adultos falarem daquele livro, dizendo que era uma maravilha Euclides da Cunha falava sobre o nordestino dizendo que o sertanejo é antes de tudo um forte, sempre em atividade, observando o mundo em volta de si... uma hora lá eu peguei o tal livro. A parte, "A Terra": "Os terrenos terciários que formam o território brasileiro..." Um livro muito di quinze anos, fui saltando, saltando páginas, aí parei na segunda parte: "O Homem". Ai, Jesus, Comecei a ler e me assustei ao reparar que ele falava da criatura que eu atendia no balcão da l pai. O homem da roça. E esses homens, na verdade, eram nossos avós que vieram da penínsul século 16 e 17. A historia do Brasil chama a todos de portugueses, mas tinha muito sangue ára também. Na Idade Média, a invasão dos árabes em Portugal e Espanha durou do século 7 ao s enquanto naquele momento toda a Europa era civilizada pelos bárbaros cristãos, godos, visig - bárbaros, como diz o nome, a península era educada pelo povo mais sábio do mundo naquele foi isso que eu encontrei na loja de meu pai.

30

Marina Amaral- Você é filho único?

Tom Zé - Não, eram dois antes de mim, do primeiro casamento, e cinco do segundo casamento casamento que a pessoa trocava, a mulher morria pra você trocar o casamento naquele tempo desculpe, eu preciso terminar realmente, estou terminando. Na leitura do Euclides, descobri q criatura que eu encontrava na loja, o sertanejo, é obsessivamente um cientista de coração, int especulador. Bem, ali estava eu, assustado com um livro que se referia diretamente a uma coi conhecia, intuía, mas não tinha capacidade de descrever em palavras, eu duvidava: meu Deus possível? E, quando você não tem a palavra para intermediar sentimento e o corpo, você fica c nus, expostos a uma espécie de febre... Bem, nós chamamos isso de emoção. Mas, naquele te conhecia essa palavra pra me socorrer, só tinha o frio na espinha. Descobrimo aquele homem criança, sem nenhuma palavra pra me socorrer, somente com a emoção de ver no livro, num l inesperado, aquilo que eu sentia. Então eu aconselho que vocês leiam Os Sertões, mas não co "A Terra" nem por "O Homem", como eu fiz. Comecem por "A Luta". "A Luta" é gibi puro. É ridi militares saindo aqui de São Paulo para combater o Conselheiro com suas roupas de frio, salta Nordeste e sendo derrotados em 24 horas pelo calor da região. Depois, quando mais prevenid derrotados em 48 horas pelos espinhos das caatingas, e assim por diante. E esse cara chama da Cunha descobriu que aquele que ele ia lá conhecer como selvagem era um homem surprece ele passou a amar e, então, fez o elogio de nós todos, quer dizer, o elogio ao sertanejo.

José Arbex Jr. - Mas você ainda não explicou o analfabeto...

Tom Zé - Ah, sim, é justamente por isso. (risos) Um povo que lê, um povo alfabetizado, que sab não tem medo de perder sua cultura. Escreve livros, bota nas bibliotecas e vai ver novelas. Nã preocupa com nada, está tudo ali escrito. O sertanejo é diferente, e é esse tipo de analfabeto q que Os Sertões me mostrou que era o que eu devia continuar a ser. O sertanejo tem que falar c dançar cultura, cantar cultura, fazer pentimento dos conhecimentos esotéricos na paisagem d num constante esforço para não perder a cultura dos seus avós, que ele ama mas não tem co Essa cultura é muito diferente da nossa, é um processo de estruturação e lógica que não conh Descartes e Aristóteles e que não está fundado na palavra escrita. É esse tipo de analfabeto q continuo sendo. A brincadeira é essa. Está mal explicada, porque não sou capaz de dar entrev dá entrevista é uma pessoa que tem pensamento original, cultura. De forma que, se vocês fore comigo uma entrevista, eu já estou fracassado. Mas, como eu sou sertanejo, e filho de família comunista, metade reacionária, né?, (risos) talvez eu possa fazer armadilhas para que vocês pergunta que eu saiba responder, ou melhor, que tenha pensado sobre. Eu não posso respon qualquer coisa, isso não! (risos)

Cláudio Júlio Tognolli - Tom Zé, quando vi você no MTV Video Music Awards ao lado do Caetan lembrei de uma cena contada pelo Luís Calanca, do Baratos Afins, que soltou o teu disco em 1 meses atrás, lá na Galeria do Rock: "Você não sabe quem acabou de sair daqui, o Tom Zé!" E você escreveu um artigo contando como o David Byrne foi pro Rio e tava num sebo de discos, disco, ouviu, achou obra de gênio e depois ligou de Nova York pro Caetano...

Tom Zé - Não, ligou pro Arto Lindsay, que disse a ele: "Ah, é do tropicalismo e tal e tal". Aí o Ma fez uma entrevista com o David Byrne no apartamento dele, e viu escrito em cima da mesa: "N procurar Tom Zé". E escreveu isso no jornal como se não fosse nada. Neusa, que conhece ess a pessoa intelectual lá de casa, minha mulher, eu sou o analfabeto que ela protege (risos) -, Ne grito feito uma índia, que nunca tinha dado, né? Esse negócio de David Byrne foi surpresa. Eu largar a música naquela ocasião, não dava mais dinheiro, tinha passado decepções. Aí o Byrn Fiquei desorientado: "O que é que eu faço agora?" Eu tinha combinado de ir para Irará, trabalh de gasolina de meu sobrinho Dega, e aí me aconselharam: "Deixe esse negócio de Irará por en por aqui". Então eu fiquei em São Paulo, eu e Neusa, nós telefonamos para algumas pessoas e, Caetano foi consultado, disse: "Tom Zé, acho que é Tuzé de Abreu, porque ele é muito amigo d Abreu". Eu caí do cavalo e falei pra Neusa: "Parece que tudo foi um sonho mesmo, deve ter sid

Cláudio Júlio Tognolli - Mas você escreveu um artigo falando que o Caetano te prejudicou? Qu errado, que não era o teu?

Tom Zé - Não, eu escrevi coisas... Mas isso eu já falei! Sabe o que é? Se eu ficar falando em Ca dia, fico dando uma importância tão grande a isso que prejudica minha própria capacidade de Então tenho que deixá-los em paz, vamos encerrar essa história, que eu proponho contar de u geral e honesta. Foi assim: eu fui enterrado vivo duas vezes. A primeira em 1940, porque minh do campesinato e ia pra universidade e minha mãe, por uma rebeldia qualquer - talvez seja a ú

31

artística que tenha havido na família antes de mim -, disse que não estudaria mais em colégio d avô, coitado, lá no interior, que não sabia o que fazer, teve que trazê-la pra Irará, porque, se n colégio de freira, ia botar ela onde? Numa pensão, uma moça? Então, minha mãe veio e ficou n buraco sem fundo, buraco negro onde ela foi ficando no barricão, uma moça com trinta anos já com meu pai, seu Everton, homem simples de Irará, mas um homem muito grande de coração. começaram a nascer em Irará aqueles bichinhos horrorosos, mal-educados. Eu e meus irmãos merecíamos morrer! E criança compreende tudo! Que a gente merecia morrer a gente sabia, a palavras de minha mãe, no não-verbal, no próprio ambiente a gente lia. E eu, digamos assim, e pará ter sido enterrado. Eu tô vivo hoje graças à psiquiatria e à minha irmã Guile, que me salvo estava no manicômio. Isso é sem o menor charme, né? Pois muito bem. Então, depois, eu fui a segunda vez na divisão de espólio do tropicalismo. Em 1970... nossa, eu tinha tanta coisa pra f falando disso! Em 1970 eu fui enterrado a segunda vez, porque em 1968 o tropicalismo existiu, acabou, todo mundo viajou e em 1970 fui enterrado, não é porque alguém me enterrou, nem po imprensa não gostasse de mim, não é por nada do que possa parecer dentro dos papéis que c pessoas são chamadas a exercer no Brasil, não é isso. Eu fui enterrado porque é uma coisa no trabalho ainda está incompleto, se ele ainda não pode ser considerado uma estaca para fincar ele não pode, como um pênis, furar a terra e... e é a terra como mãe, o pênis como céu e pai. É Cronos comendo seus filhos, é normal! Em Irará, também se diz assim: "Você tá me chamando Por que, bicho? Eu não sou homem mesmo, não. Meu pai ainda não morreu, como é que eu pos homem?" Quer dizer, isso é mitologia grega, não sei de que maneira foi parar em Irará. Mas foi Simon, aquele professor belga que foi muito importante no teatro francês e no teatro mundial, já bem velhinho, e eu era estudante de música e ele me pediu pra ilustrar as conferências dele certas canções que me dava escritas. Eu fazia um arranjo. Nisso me deu uma canção chamad Pastorinha (e canta), Destes montes venho saindo/ destes montes venho saindo/ à procura do que perdi lá no roçado/ lá em terra de afogado... Dai ele dizia: "Sabe de onde vem essa pastori tragédia grega, do personagem da tragédia grega". E como é que esse diabo veio parar na Ba bumba-meu-boi? Então, tudo bem, só pra brincar de como o mundo anda pelo avesso. Então e enterrado em 1970, como numa história mitológica, e não por alguma pessoa ou alguma institu tenho queixa de ninguém nem de nada. Fui enterrado profundamente, sim, e depois David Byrn desse buraco. Esse buraco era muito profundo, era preciso tão cuidadosamente me ignorar, e que uma estrutura de cimento e concreto muito forte estivesse sobre mim, que não fosse possí dali. Bom, eu só posso pensar isso hoje: "Por que diabo, será que eu era importante?" Só poss Puta que pariu, isso aí tem que ser um negócio do tipo: "Esse cara não pode existir!" Muito be hora que eu, por acaso, começo a ser tão bem-sucedido é o caso de dizer: "Pô, realmente, eu perigoso!" Só posso dizer assim.

Cláudio Júlio Tognolli - Mas tentaram ou não dar o nome...

Tom Zê - Deixa eu falar de outras coisas... ô, deixe! Olhe, É o Tchan foi um fracasso, não vende discos estão todos lá empilhados. Uma péssima notícia. (gargalhadas nossas) José Arbex Jr. - ótimo isso! Tom Zê - Muito bem, todos nós ficamos felizes porque parece que vai ter espaço pa coisas. Mas acontece que, porque fracassou É o Tchan, fracassou o contratchan, o subbtchan, fracassaram todos esses grandes heróis desse grande negócio aí que as multinacionais viviam rabo. Sabe o que vai acontecer, qual é a notícia triste? Trinta por cento dos empregados de gr ser postos pra fora até o mês de dezembro. Então, só pra poder continuar com isso: axé eu nã conheço axé, não sei as regras de composição daquilo, mas também não conheço nada das ba vocês (dirigindo-se ao gravador) chamam música popular brasileira, isso não tem nada de bra falar nisso, onde é que se faz música popular brasileira agora? Um dos raros lugares é esse di que eu trouxe de presente pra vocês, que tem samba e baião, que fala do povo daqui. Porque e que tocam no rádio, isso não é MPB, e tem uma porção de gente boa se referindo a isso como t

Cláudio Júlio Tognolli - Mas tentaram ou não tentaram?

Tom Zê - Pera aí, agora eu queria falar em Feagacê e no problema do É o Tchan mental com o colabora para a imprensa brasileira. O que desespera é que todos são contra Feagacê, todos mas, na hora de agir, fazem a mesma coisa que Feagacê faz. Isso é triste, que diabo de coisa fi receber um castigo desses, imitar Feagacê? Procedemos assim porque não temos em disponi estrutura de pensamento, estamos falidos de utopia e depauperados de filosofia, somos na ver governados pela USP e por um professor chamado Fernando, que dirigiu o departamento de fil agora usa o nome artístico de Feagacê. Então, quero dar um exemplo do que eu chamo odiar F o cavalo de Feagacê, como diria o professor Paulo Freire na sua tese de hospedar o opressor.

32

o... como é o nome dele? Da Folha de S. Paulo?... O Dimenstein. Ele fez uma reportagem convi a prostituição entre as universitárias. Muito bem, será que é honesto, nós da imprensa fazerm que a profecia de J.P. Sousa (o regente americano de banda de coreto), que ao visitar a primei de fotografia, naquela ocasião uma arte inaugural, disse: "Mas isso é o bordel sem paredes!" S queremos confirmar essa profecia do maestro? O que eu quero dizer é que nós vendemos nos nas bancas e as bancas de revistas são um açougue puro. Eu sou a imprensa, eu falo contra a e eu mesmo vendo a prostituição. Quer dizer, eu sou Feagacê, eu falo contra a pobreza e prov Isso não é mais Feagacê, isso é Feagacê ao quadrado. Por favor, escrevam assim (e mostra es papel), FHC2. Parece fórmula matemática, não é? Mas continua no departamento de filosoporr canto no Defeito 11 Tangolomango. A tradução de FHC2 é Fernando Henrique Cachorra no Cio "maior amigo do homem" está no feminino porque eu não estou botando apelido pornográfico presidente, estou falando na imprensa que parece uma cachorra no cio. Não se ofenda, mas m o que acontece quando Feagacê vai, por exemplo, para a rua Maranhão? Toda região ali, inclu Buenos Aires, fica entupida de repórteres. Por que nós, da imprensa, temos que tratar um pre República como se fosse uma vedete? Outro dia, eu estava em Zurique e tinha um funcionário de vez em quando passava pra cá e pra lá. No princípio, eu pensei que fosse técnico de som. D disseram que era o presidente da República deles lá. Ninguém tava botando microfone na boc pessoal nem ligava para aquele funcionário um pouco mais engratado. Então, será que a ge virar uma cachorra no cio, e sair atrás de qualquer funcionário como se fosse uma vedete pres roupa? De forma que assim o presidente parece uma Xuxa. Nem a rainha Elizabeth, quando se Westminster, para lavar a calçola no Bridge Royal Club, movimenta tanto jornalista.

José Arbex Jr. - Mas que relação isso tem com o que fez o Dimenstein lá da Folha?

Tom Zé - Desculpe, você me ajudou a voltar, que eu fico empinando a raia com muita linha e pe direção. É o seguinte: a gente age igual ao Feagacê como no trabalho do Dimenstein. Dimenst certo, pelo amor de Deus! A prostituição universitária é realmente uma coisa tão triste nesse m talvez uma amostra da decadência da nossa civilização. Porque o Império Romano durou quin anos, sei lá, a Macedônia durou quantos? Nem quinhentos. Babilônia durou quantos anos? E a do século 10, quando estava terminando a tal fase micênica, até que Atenas e Esparta se destr mutuamente. Nós, essa civilização ocidental, cujo bonde o Brasil tomou há somente 500 anos, durando quando tempo? Nós somos o quê? Nós somos o resultado da primeira revolução indu ética da Primeira Guerra Mundial, quando, se Bismarck e Maquiavel ficariam envergonhados, ficaria assustado. Então, nós somos essa ética. Pois muito bem, aí eu tô falando de quanto tem estaremos a salvo do Tãnatos coletivo, ou se há sinais de que já o estamos incorporando, quer enxofre. Porque é o seguinte: nós fazemos uma reportagem sobre a prostituição. Perfeito. Ago mandamos essa reportagem para a nossa loja de venda, que é o açougue público chamado ba revistas, onde está pendurado filé mignon: Playboy. Quanto custa uma moça pra Playboy? Um 900.000, como a Tiazinha, outras custam 200.000, outras custam um apartamento... todas são Todas são prostituíveis! Esse grande açougue coletivo, isso é ou não agir como Feagacê? Outr que eu queria lembrar: um país de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados e todos os paíse usam trem pra transportar sua carga, a gente transporta até automóvel em estrada de rodage que custa um trem? Custa dois trilhos e uns dormentes de madeira, que hoje podem ser substi ecologicamente por plástico. Isso não custa nada. Se você olhar, vai ver que às 6 horas da tar cidades do Brasil estão cheias de pessoas, cada uma gastando um motor, uma combustão de cavalo de lata enferrujando, um carro. Cada carga de 7.000 quilos precisa de um caminhão. Tu é? É um esbanjamento de coisas! E por que fazemos isso? Aí que eu volto pra imprensa: alô, al quando aparecer o próximo projeto de grande estrada de ferro, eu estou de aviso pra ver qual repórter que vai esculhambar o projeto! Que vai dizer que o projeto tem falhas estruturais que aquilo... a quem é que serve que o projeto seja ruim? Serve ao senhor Ford, ao senhor Chevrol tornaram o país da lata com motor, então não é possível que... os exemplos não são bons, você que não são bons... (risos) Todos - São, sim. Tom Zé - ...Mas são um pouco! Essa tristeza, porq somos Feagacê, ou FHC2 ...nós todos somos. Nós não temos em nossa disponibilidade atualm mundo, outra estrutura de pensamento? Como nós podemos fazer isso? Se eu for fazer uma br antes de vocês tornarem isso sério outra vez - aqui tem a Universidade de São Paulo, eu podia Universidade do Sertão Pobre, USPO. Então, eu boto a USP contra a USPO. Quem são os fund fundador daqui é o Lévi-Strauss. Então, na USPO, o fundador de honra é o Euclides da Cunha, Rosa será o ministro da Justiça, porque Guimarães, lá naquele negócio do Cumpadre meu Que um negócio que ele diz assim: "O mundo seria bom se tivesse só uma lei". Ele andava à procur lei só para o mundo, que era a seguinte: "Ninguém tem direito de meter medo em ninguém". Pu

Se não se tem direito de meter medo em ninguém, então Jesus é dispensável. Baniram os peccada da Terra.

Regina Porto - Esse seu novo disco é uma denúncia disso tudo, não é?

Tom Zé - Ah, obrigado! Meu disco novo chama-se Com Defeito de Fabricação. Eu fiquei tão org quando tive a idéia... - deixa eu contar ela longamente, porque aqui os parágrafos são maiores tava trabalhando como peão numa fazenda ecológica que o PMDB, naquele tempo, em 1984, ti Embu. E eu subia no caminhão, porque eu precisava daquilo, que aqui na cidade os meus nerv agüentavam, sou homem nascido na terra, ia lá e melhorava meu estado de nervos e os psiqui menos trabalho comigo. Um dia fui com o pessoal de lá para um lago, pra catar umas algas, ap pra produzir gás e fazer fogo, era tudo natural lá. E aí tinha à minha esquerda um pequeno mor arruado, como as casa pobres. À minha direita, uma colina ainda pré-cabralina. Pensei: "Para morrinho vai estar loteado e habitado...". Por que é que nós, os pobres, crescemos tanto? A qu crescimento populacional? Crescemos porque o Primeiro Mundo precisa de uma mão-de-obra ele possa pagar qualquer preço, já que não temos organizações, sindicatos, nada, ele pode pa vintém e você vai lá dar sua morte para ele ter conforto. Que povo é esse? Esse povo não é ge andróide, uma subvida, uma sub-raça, Eu sei quem eles são porque sou um deles. Apenas com mais do que eles. Muito bem, então somos andróides. Agora, têm uns defeitos de fabricação h defeito básico é pensar! Eu não sei como o Primeiro Mundo ainda permite que essas criaturas Porque é um perigo! De vez em quando aparecem uns como eu... meu pai ganhou na loteria e alimentou. Quando ele tinha trinta anos casou com a primeira mulher, a filha de um coronel, o Cazuzza Miranda, a dona Mirandinha Miranda, uma grande moça. Teve Guile, que me salvou a v outro irmão. Depois casou com dona Helena, filha do coronel Pompilio Santana, minha mãe. Aí comer, estudar... mas eu sou um daqueles! A família de meu pai toda morreu tuberculosa de m gente conhece a família de minha mãe, mas a de meu pai não conhece ninguém, morreu tudo t Então, nós somos essa raça miserável, de vez em quando um de nós estuda um pouquinho e c perigoso! Porque ou se vende de uma vez a eles, ao serviço do Primeiro Mundo, ou começa a p pensar é uma coisa desafortada. Como é que o Primeiro Mundo ainda permite que esses andrói Pensar pode crescer o cérebro. Qualquer órgão que se diz que é incentivado, que se trabalha órgão cresce, né? Então, o cérebro pode crescer e de repente pode nascer Jesus Cristo e Fid todo lado. Eu não sei como o Primeiro Mundo ainda agüenta esse desaforo e ninguém faz nada fazer lobotomia e acabar com isso. Os robôs-operários, fabricados pelo Japão e pela Alemanh muito eficientes, trabalham no fogo, não têm acidente de trabalho, mas eles ainda são muito c que o óleo pra botar nas juntas daquele negócio é tão caro que vale uma favela inteira! Então, baratos e por isso a gente existe. Então, o disco é sobre isso, é todo de defeito. Defeito um, pe dois, curiosidade; defeito três, sonhar... porque outra coisa eu vou dizer, eu não faço arte, eu f jornalismo falado e cantado.

José Arbex Jr. - Você falando tudo isso, não soa meio irônico que foi um americano que te tiro ostracismo?

Tom Zé - Por que é que os americanos me recebem e faço sucesso com um disco falando mal Regina Porto - Só completando, como é, pra você, se consagrar depois dos sessenta anos? E, forma, esse ano no Abril Pró Rock você foi a grande sensação.

Tom Zé - Eu não sei se as pessoas sabem aqui, mas faço um tipo de música em que eu sonho c se interessar por processos mentais. Tudo bem, tá lá um maluco qualquer querendo isso, aí co faz? Ele trabalha, trabalha, ele não é inspirado, não é grande compositor, mas ele trabalha, tra as armadilhazinhas. Aí dizem que isso é impossível: "Ah, não, o povo não pode gostar disso". A cantar no Abril Pró Rock em Pernambuco, é claro que certas conveniências lá na hora ajudara todo ama, leva vinte minutos sem querer que outros artistas entrem no palco, vira um drama d coisa que dizem que nunca aconteceu em cinco anos de festival. Tudo bem, quem sabe então diabos, essa programação de rádio e de televisão que a gente vê é inventada e dita como popu povo que quer assim? É o ovo ou a galinha? Pois, se eu toquei no Abril Pro Rock e todo mundo por acaso, tava cheio de intelectuais? A Caros Amigos, a revista República ou a USP estavam l aplaudir? Desculpe, sua pergunta era como é que faz sucesso nos Estados Unidos falando mal culpa. José Arbex Jr. - Você acha que é culpa mesmo? Será que os americanos entendem a su Zé - Olha, tem horas em que eu sou estratégico. Descobri isso em 1991, num congresso de mú

34

que eu fui chamado com muita honra - que lá eu sou coisa que só o cão duvida. Então, eu cheguei no festival e ganhei até prêmio, no meio de músicos bons, que eu respeito, que eu morro até de ver. Pois lá apareceu um chinês que começou a esculhambar com as pessoas, que era "um segredo o quê, não sei o que lá, aí todo mundo parecia assim assombrado com aquele negócio de alguém segregado um filho da puta que não fazia música que prestava nenhuma! Um chinês nazista lá, chineses não façam coisa boa, não tem a ver com isso, nem com o que Mao ensinou lá, nem a eu. Eu parei uma hora assim, nesse tempo eu não falava bem inglês - e não falo até hoje -, e aí eu fui intérprete: "Pergunte aí que janela que deixaram aberta pra culpa entrar nessa sala, que isso pra reunião do Partido Comunista Brasileiro". (risos)

Cláudio Júlio Tognolli - Você e o David Byrne foram gravar com os cubanos, acho que ele foi ex dele.

Tom Zé - Talvez, ou então ele é brincalhão, né? Bom, mas aí falei: "Ah, os americanos têm culpa esperada". Depois eu vi que eles fazem organizações não-governamentais que incentivam eles não comprar das grandes empresas multinacionais que poluem o Terceiro Mundo, as que tratam o Terceiro Mundo, as que tratam mal o operário do Terceiro Mundo, que são muito duras com o Mundo. Eles também punem, têm lá organizações que dizem: "Não compre produto de tal empresa coisa engraçada: quando um empresário americano ou europeu é convidado a vir ao Brasil, por por uma quarentena. Existe coisa mais natural do que um empresário necessitar de trabalhado coisa mais natural do que isso? Não existe! Um não existe sem o outro! E, quando ele sai de lá, "No Brasil é diferente! No Brasil, você pega a faca e sai traçando!" No Brasil, capitalismo selvagem, é selvagem ao quadrado! Os executivos da Volkswagen, da Mercedes, da Seagrams, quanto é lugar, não agem nos seus lugares como agem aqui. Aqui, eles são instruídos a agir com dureza, aqui eles não são humanos, só vêm pra'qui os que podiam entrar na SS. São escolhido desculpe, é que vou me entusiasmando e vocês ainda ficam me olhando como se eu fosse resp me metendo a gente. (risos) Então, eles têm culpa, viu? E eu fiz o disco sabendo que eles iam se sentir expiando suas culpas. Eu fiz estrategicamente por isso e falei várias vezes com N disse: "Não é perigoso?" Eu disse: "Não, eles vão gostar, eles precisam que alguém chame a a então tem alguma humanidade ainda no povo, o povo, afinal de contas, não é o empresário, né

José Arbex Jr. - Quando você canta nos Estados Unidos, vê na sua frente um povo estrangeiro entendendo o que você está cantando... qual é a sua relação com eles?

Tom Zé - Eu te conto o meu primeiro show no exterior que mudou o meu conceito sobre isso. C um tipo de música - talvez nesse disco (defeito de fabricação) você possa ver, pela própria es arranjo, que eu saí daqui não foi por causa do texto, nem por causa da poesia, sai por causa d malandragem que faço com a própria música. A música é um establishment mais sério do que Família e Propriedade. A música é uma coisa mais intocável que eu chego e brinco com ela. Aí, cheguei em Zurique para fazer o meu primeiro show, em 1992 - porque a Suíça comemorou as com a língua portuguesa, em vez de todos os outros países da Europa, que comemoraram com espanhola -, comecei a cantar e estava todo mundo lá, vários artistas brasileiros, o Paulo Mour axé, gente do diabo lá, porque já estava começando essa mistura. Então, de repente, no meio pessoas rindo, falei: "Oxente, que é que esses caras estão rindo, que alegria é essa? Eu pense shows aqui...". Riam porque eu cantava Um Ah e um Oh. Alguém conhece Um Ah e um Oh aq é só assim: Oh, oh, oh, oh, oh, oh, oh/ Ah, oh, ah, oh, ah, oh, ah, oh, oh - quer dizer, é uma pilhéria louca! E deu certo. Agora, quando eu canto nos Estados Unidos, eles não entendem palavra, p quando eu canto Quem é que tá botando dinamite/ na cabeça do século?, eu canto em portugu traduzo pra eles poderem ter idéia de que diabo aquela música quer dizer, e falo: "Olha, o Albe ficou rico por causa da dinamite e a dinamite serve pra matar metade do mundo, mas ele agora Nobel da Paz. Então precisa morrer muita gente pra poder ter dinheiro pra dar o Prêmio Nobel é incrível, né?"

Flávio Tiné - Você ainda não falou sobre seu início de carreira em São Paulo, quando chegou a aquele grupo de baianos... Tom Zé - Eu estava numa fase muito fraca... Flávio Tiné - Por que vo São Paulo?

Tom Zé - Porque só aqui eu podia fazer carreira. Me disseram: "Não vá para São Paulo, que vo e São Paulo é frio". Quando cheguei aqui tava um calor, era 11 de agosto de 1965, um calor! M praça Roosevelt, que não tinha nada, era só calçamento e saia aquele negócio assim que ento sabe como é? Parecia o Nordeste a praça Roosevelt! E então nós ficamos ali esperando August vinha pra começar aquela coisa maravilhosa que foi dois meses e meio de treino para fazer Ar

Bahia, outro curso universitário que eu fiz! Cada montagem de peça de teatro - a minha foi um Augusto Boal e outra com o Rubens Corrêa - é um curso universitário de dois meses e meio! M coisa que eu queria dizer pra vocês sobre o meu começo e a minha dívida com a escola pública Regina Porto - Então diga!

Tom Zé - Foi assim: eu tinha dez anos, a Fonte da Nação é de onde vinha toda a água potável d água que se tirava nas casas era cavar uma cisterna enorme, 60 metros, não era como aqui, q de palmas tira água. E era água salobra, que só servia pra banho e pra lavar prato, não servia nem pra beber. Então, a água boa vinha da Fonte da Nação. Um dia, eu fui a essa Fonte da Naç filha! Que coisa inacreditável! Irará é um planalto, chama Terra que Primeiro Vê a Luz do Sol, é indígena, significa planalto. Mas tem uma rampa que vai ali pelo beco do Antônio Alfaiate, vai p futebol e desce pra Fonte da Nação. Quando você chega a certa altura, tem um plano de visão, como Cecil B. de Mille, aquelas coisas fantásticas. A da Fonte da Nação é assim: aqui tá um gr do morro com a água saindo, os aguadeiros todos tirando água, enchendo os barris, todo mun falando, conversando; aqui, uma espécie de campo de futebol, um gramado imenso com as lav espalhando tecidos de todas as cores, chitões, coisas vermelhas, amarelas, brancas, tudo bril causa do anil que se usava lá e por causa da possibilidade de ver claramente do sol nordestino quase que me arrancou do chão! Quando eu estava assim quase pra arrancar do chão, eu ouvi porque o filme tinha som, o Cecil B. de Mille tinha, como é que chama, track? Tinha banda sono ali? Era Meeeeeeu... - aquela voz fanhosa, (canta) A mulher do cego morreu - terceiras vozes p aquelas senhoras velhas cantando agudíssimo. Aquele som subia de lá de baixo como se fosse de eco, aquilo me pegou, me transtornou. Então eu gosto de dizer - aí sobre o meu começo - q pra uma universidade pós-modernista, estudei como se fosse um príncipe numa escola maravi professores estrangeiros, os melhores professores do mundo! E aquele reitor louco, chamado Santos, botava os melhores professores do mundo num país miserável. Quer dizer, meu estud fome e a morte de muita gente e é por isso que eu digo que devo! Eu devo e devo muito à escol

Regina Porto - Aliás, você estudou com o Widmer, Koelreutter, com a nata da vanguarda...

Tom Zé - A nata da vanguarda européia de música estava lá me ensinando enquanto o Brasil m fome. Muito bem, começo - passei por tudo isso, mas gosto de dizer assim: o que é que eu com vez que sento pra compor, eu quero fazer aquela música que ouvi lá na Fonte da Nação. Então fazer, erro. Graças a Deus que eu erro, porque aí vou tentar novamente. No dia em que acerta Você está entendendo? Eu quero fazer a música da Fonte da Nação, é só o que persigo. Eu co instrumentos, desafino instrumentos pra tocar, faço concepções, invento... olha, o que invento em casa inventando!

Ricardo Kotscho - E os vizinhos, o que eles falam?

Tom Zé - Não, ninguém ouve nada, é fechado.

Marina Amaral - E, nesse período de ostracismo de que você falou, você continuava compondo ritmo ou a própria música chegou a te desgostar?

Tom Zé - Teve duas coisas. Primeiro, tem hora que Deus protege você. Dizem que, quando voc criança do colo da mãe, ela morre nem que você dê o melhor alimento do mundo. Então, me tir da mãe, que era o público. Muito bem, eu podia morrer, mas aí achei uma mãe externa. Essa m está aqui (Neusa) vivia comigo e concordou de eu vender uma casa para construir uns instrum experimentais com enceradeira, com não sei o que... Os diretores de gravadoras choravam qu falar naquilo. Aquilo hoje me dá o que comer!

Regina Porto - Você vive disso?

Tom Zé - Vivo disso. Vivo de música e dessa música justamente. Neusa concordou em vender tempo em que eu era, digamos assim, remediado. Porque rico eu não era. Tinha uma casa de praia que tinha um terreno lindo, eu dizia que estava vendendo a casa, mas o cara estava com terreno para construir uma casa. Essa casa era em São Sebastião, um terreno que subia assim privilegiada! Eu comprei por 22 contos e vendi por 400 contos. Em menos de um ano, porque c estrada depois que eu comprei a casa, quer dizer, roubei o pobre do homem que me vendeu.

Ricardo Kotscho - Que praia era?

Tom Zé - São Francisco, em São Sebastião. Então, eu construía os instrumentos, sonhava com dizer, enquanto eu devia morrer, uma nova mãe me dava o alimento da esperança e é por isso doente, com úlcera, fiquei com Escheria coli, o médico disse que não tinha jeito... uma vez diss pra morrer. Neusa, na última hora, falou assim: "Vamos na macrobiótica?" Falei: "Vamos, que

tanto faz como tanto fez...". Eu disse isso a ela porque eu tinha medo de dizer a ela que eu ia me eu fui na macrobiótica e a macrobiótica me salvou a vida. Agora, cuidado com macrobiótica! A David Byrne, Bonnie, me disse assim: "Tom Zé, você faz macrobiótica quando está doente; se f você pára a macrobiótica". Eu sei que o doutor Shmidt e o pessoal da macrobiótica vão me exe essa é que eu penso que é a verdade. Você está são, vai fazer macrobiótica, fica doente. Entã são não vá fazer macrobiótica e quem está doente vá. (risos) Engraçado, eu fico tão feliz quan que perco - desculpe, não vou dizer a ninguém que não ria -, mas perco um pouco a linha. Entã uma pessoa que entrava numa Brasília velha, puta Brasília velha! E eu tinha uma vergonha, po pequeno-burguês, confesso. Tinha uma vergonha daquilo, chegava num hotel com aquele carr que os caras iam me tratar mal, e começou a ter problema. Quando eu parava no banco, os se começavam a segurar o revólver, que aquela Brasília era quase um assalto. (gargalhadas) E e seguranças olhando pra mim, né? Um dia, fui no Banco Nacional, agência da Angélica, esquin Buenos Aires, e eu tinha botado os óculos aqui (aponta a cintura). Quando o segurança viu aqu pensou que era uma arma, eu falei: "Ai, meu Deus! Se eu for tirar agora, é um desastre!" (risos se tirava, aí eu falei pra ele: "É o óculos! Quer que eu tire o óculos?" (risos) Tudo por causa da Brasília velha. Neusa não ligava, ela entrava e dizia: "Olha que flor bonita, pena que você não p porque você está guiando...". Pra ela, tanto faz Mercedes-Benz, coitada, ela está aqui, fica co mas é uma coisa bonita isso, né?, você ter esse tipo de mãe. Enfim, eu, em vez de morrer tive u sobrevida. E a macrobiótica me salvou numa hora que estava muito difícil, porque apareceu a e eu não digeriria nada, comia um ovo e o ovo passava três dias no estômago sem descer, come emagrecer. Um dia, fui fazer o programa de Lima Duarte, no teatro Célia Helena, e acabava 2 h tarde o programa, quando eu pisei assim no sol, que o sol bateu em mim, parecia uma viagem intergaláctica, porque o sol, quando você tá fraco, uma gripe até, o sol lhe tira do lugar, quant que estava já quase sem energia nenhuma. Muito bem... deixa ver se eu tomo um caminho men brincalhão. Ah, sim, outra coisa! Vocês estão todos aqui, carinhosos comigo, e eu quero pôr e coisa: eu sou uma pessoa direita? Eu não sei.

Regina Porto - Direita ou de direita?

Tom Zé - Não, direita. Eu sou uma pessoa correta? Não sei. Porque até agora, com o que eu ga consegui comprar um apartamento que tem um quarto para a Neusa ser minha empresária, um quarto onde trabalho com música e um quarto onde a gente dorme. Isso é um luxo transcende meu regime de vida! Agora, se eu, por acaso, ganhar mais, o que é que eu vou fazer? Eu tô mui interessado nisso quanto a mim! Porque, por exemplo, outro dia um menino escreveu na "Folh seguinte: "Vocês estão fazendo campanha aí contra o disco pirata. Pô, mas quem é que - o me vai no jornal fazer campanha contra disco pirata? São esses nababos compositores que têm c vinte cômodos, que não estão nem ligando pra botar um pouco de proteína para o povo em sua estão só interessados em vender...". O que é mais que ele dizia? Me ajuda a contar isso, Neusa Que isso é meio contraditório, que quem fazia campanha contra disco pirata era só esse tipo d que vende milhões de discos, os que teriam tudo a perder com a pirataria. Então, ele achava q atitude hipócrita, o menino, e ele tem razão mesmo.

Sérgio de Souza - Você mexeu com política, Tom Zé?

Tom Zé - Eu nunca fui do Partido Comunista, apesar de ser sempre um simpatizante do partidã muitos amigos no outro partido - porque geralmente quem é do partidão briga com o outro par B, né? Em Irará, uma vez eu freqüentei o partido, mas era uma turma gozadíssima. No partido moleque, né? Era o delegado da cidade, Raul Cruz, o xerife; era o dono do jogo do bicho, João outro era Aureliano Teixeira, um gozador terrível, fabricante de licor de jurubeba, e o emprega dia o pessoal do partido disse assim: "Nós precisamos convidar novos amigos, novas pessoas só tem aqui nós cinco e tal". Aí saímos com uma fúria de ter que chamar novas pessoas - e eu t a isso, tenho medo de abordar pessoas, de convencer pessoas na rua. Mas eu pensava ser mi obrigação. Aí vi um menino assim que menos tinha tendência, que menos tinha namorada, que sem ter o que fazer, Pedrinho, filho de seu Alcides. Falei: "Pedrinho, você não quer entrar no p negócio legal e tal". E, pra surpresa minha, ele foi, e aí começou a ir a reuniões, e eu meio mala vez em quando ia lá. Quando estourou a revolução de 1964, Pedrinho continuou no partido e e Deus, o mal que eu fiz a esse rapaz! (risadas) Estão matando todo mundo do partido, como é q essa pobre criatura?" E eu ficava tão preocupado, aí eu tava na minha pensão, de dona Ioland Pedrinho com uns folhetos: "Olha, nós vamos ter uma passeata". E eu digo "Valha-me Deus, N

Senhora!" (risos) E doía meu coração. Quando é um dia me disseram assim: "Você soube do c Pedrinho?" Eu digo: "Pronto, foi preso e se fodeu". "Denunciou o partido, lenhou com todo mu eu disse: "Graças a Deus!" (gargalhadas). "Graças a Deus, minha alma está salva dessa dor, d

José Arbex Jr. - Mas ele denunciou você também?

Tom Zé - Quê? Eu não era nada! Os meninos do CPC (Centro Popular de Cultura), que eram da Popular, católica de esquerda, eram da Polop, Política Operária, de esquerda, eram do próprio Comunista, porque não tinha o PC do B ainda, nós todos nos congregávamos ali e tal. E os mai brigavam com os meninos do IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrático), de direita, aque briguinhas bestas, e os caras do IBAD os denunciaram! Sofreram o diabo! Alguns não se recu mais. Eu nunca briguei com eles. Quando o CPC estourou, ninguém sabia quem era eu. Quand aqui em São Paulo, em 1972, saí do programa de Hebe Camargo, entrei lá em casa, tinha duze metralhadoras, e eu falei: "Meu Deus, o que é isso?" Metralhadora pra tudo quanto é canto, aí, cara que estava comigo, um italiano - o marido da Luísa Maranhão, atriz baiana -, começou a tr hora virava pra trás e eu falava: "Rapaz, não vira pra trás, não, que esses caras atiram! Fica q fui algemado pro DOPS, passei quatro dias lá e ficava imaginando, porque lá você tem que tra mente feito o diabo: "O que é que tá acontecendo?" Eu tinha muito medo por minhas irmãs, qu jovens e estavam mesmo metidas bravamente na política.

José Arbex Jr. - Qual era a acusação contra vocês?

Tom Zé - Porque eu estava com esse rapaz italiano, que, depois eu soube, tinha denunciado un o haviam também denunciado porque comprava aquelas pedras semipreciosas de Minas Gera pra Itália, comprava por 5 mil-réis pra vender por 10. Então, ele denunciou uns caras que cont gravadores, e eles o denunciaram como contrabandista de armas. Ele estava passando três di fazendo uma versão de uma canção minha muito romântica, que fazia sucesso, Silêncio de Nó ele queria levar pra Itália. Como eu tinha irmãs muito metidas na coisa, uma que eu não sabia o presa, outra estava no exílio, eu preso pensava: "E na hora que me perguntarem sobre elas, o vou dizer?" Eu com medo disso, fazendo esse cálculo, e pensei: "E, no CPC, o que é que vão di Na época do CPC eu morava na casa de Nemércio Salles. Como eu era muito tímido, tinha um anotava quando ia na rua o tanto de timidez que eu sofria. Era um sofrimento terrível, eu tinha quando a moça estava na janela, quando alguém olhava pra mim, eu ia e anotava: Comecei a a desajeitado porque tinha uma moça na janela, nota três; andei alegre, altivo, concentrado, not Fiquei perturbado porque perguntaram que sapato é esse, eu pensei que era comigo, era com feira, nota três. (risos) Aí, Nemércio foi preso e perguntaram a ele: "O que é isto aqui?" (gargal "Isso aqui não é nada". "Não, senhor, isto é um método chinês de dominação da mente! O senh praticante das idéias de Mao Tse-tung! (gargalhadas) O senhor é um perigo." Então Nemésio d passou o diabo, e me contou sem saber que o caderno era meu! (gargalhadas) Muito bem, pas dias no fundão do DOPS, felizmente - Deus abençoe ele! - aquele delegado que agora é senador havia tirado a porrada de lá. Então, quando entrei, depois de andar algemado no meio da rua, angústias todas e tal, vi uma coisa fantástica: imediatamente fizeram uma chamada pro meu la e não tinha meu nome! E não faltava ninguém. Eu falei: "Ai, meu Deus, já mudei de nome, já su repente veio a quinta, a sexta, o sábado, falei: "Eles vão procurar informações minhas na Bahi tempo não tinha e-mail, o sujeito, na melhor das hipóteses tinha um telefone daqueles que grita se ouvia na Bahia, ou então telex da polícia.

Ricardo Kotscho - Você estava sozinho?

Tom Zé - Não, estava com o tal do italiano, mas aí é que é o diabo, porque o italiano era tão me desarmava minha capacidade de pensar, de me manter vivo! (risos) O problema de você estar manter vivo é você pensar, eu por acaso tinha essa intuição, você tem que pensar, pensar lhe pensava, eu trabalhava, sem um papel, sem um lápis, uma luz acesa de 300 velas num quarto b estreitinho. Aquilo era dia e noite, um castigo terrível. Até que, segunda-feira de tarde, os capi rapazes altos, guapos, artistas de cinema americano, simpáticos, me chamaram numa sala lá DOPS e um perguntou assim: "Escuta, o Silvio Santos é simpático mesmo?" E eu: "É! (gargalha Santos é simpático". E comecei a me interessar pelo assunto, né? "E a Hebe Camargo?" "Ah, t Simpaticíssima!" (risadas) E me mandaram embora! Não sei se porque não acharam meu nom eu era profissional do CPC com meu nome, Antônio José Santana Martins, ou Tom Zé - ou entã não brigava com o IBAD...

Cláudio Júlio Tognolli - Você já se pegou fazendo algum tipo de autocensura, às vezes até para

aos tempos? Pelo seguinte: lembro que fui ver um show teu em janeiro de 1978, no Paulicéia D casa que era do Nelson Motta, umas garotas começaram a berrar, você pegou o microfone e n sei se foi de improviso, saiu: "Filha, contra o tédio te receito o dedo médio". Ai imagino você fal isso num palco, na época do politicamente correto...

Tom Zé - Essa música se chama O Dedo, que é o pênis multiplicado. E aí diz assim: Menina, pra dedo de doutor! Menina que tem receio, dedo pelo meio! Menina, que tem saudade, dedo pela Menina que tem não sei o que lá, dedo por baixo da mesa! Menina para o seu tédio, receito me Menina, pro teu chorinho, receito meu dedo mindinho! - que é um negócio machista, filha da pu é uma coisa bonita. (risos)

José Arbex Jr. - Uma coisa que está me intrigando: de um lado tem a queixa que você fez do se enterro etc.

Tom Zé - Não, retire a palavra queixa - a constatação.

José Arbex Jr. - A constatação. Mas você sempre teve um grande trânsito entre o pessoal que teatro, que faz música, atores, produtores. Sempre foi uma referência, então não há uma contr entre...

Tom Zé - Tinha respeito. Você tem razão em outra coisa que você nem citou. A crítica do Brasil falou bem dos meus discos.

José Arbex Jr. - Então, tem uma contradição aí. O que causou o ostracismo?

Tom Zé - É assim. Os críticos do Brasil me disseram que não existe um poder de orientação qu páginas dos jornais. Ai eu falei isso em Nova York com esse pessoal que me trata com tanto ca disseram: "Nós também não". Eu falei: "Mentira, vocês sim, foi porque vocês falaram bem de m cantar no MoMa, onde nunca brasileiro nenhum cantou, fui cantar no Walker Art Center, em Mi cantar na inauguração do Festival de Teatro de Londres. Em tudo quanto é lugar eu fui cantar vocês". E a crítica no Brasil me tratava com o maior carinho. Se fosse lembrar do meu tempo d não ter o dinheiro nem pra comida, que Elifas Andreatto ia lá, oferecia até dinheiro. Eu nunca p quando eu tinha um showzinho em qualquer lugar vagabundo, o Elifas conseguia até colocar n Bandeirantes, na Globo.

Marina Amaral - Mas o que aconteceu? Se não foi a crítica que causou o ostracismo, o que foi e Tom Zé - Eu tenho uma opinião: em 1973 fiz o disco chamado Tom Zé, Todos os Olhos, que tem capa. Não foi o cu que me tirou da circulação, foi o tipo de disco que era. Eu começava a brinc me divertir, a tentar fazer esse negócio que chamo de pequenos abridores de garrafa que a pe decifrar. Como foi o primeiro e como eu tinha feito sucesso antes com Se o Caso é Chorar: (ca Amor, deixe sangrar meu peito. Nego foi lá comprar - Se o Caso é Chorar, é flor, vamos dizer a achou flor, achou cordão de amarrar flor. Ai diz: mas que diabo, o Tom Zé me enganou, esse di malandragem... Acontece que esse disco começou a formar um público, e fez sucesso nos Est dezessete anos depois. Como coisa cult e como coisa de mercado. Então, o que que a gente p Talvez aquele negócio que eu tenho medo de dizer, talvez tivesse feito uma coisa que não era naquela época. José Arbex Jr. - Você nunca sofreu a tentação de se adaptar ao mercado? De t uma coisa pra vender? Tom Zé - Eu quero contar duas coisas sobre isso. Primeiro: Guilherme 1975, quando fui fazer O Rock Horror Show, no Rio, dirigido por Rubens Corrêa, me disse: "Po não faz música caipira?" Música caipira ainda não era esse estouro generalizado, era uma cois começava a despontar. E eu falei, puxa, se eu pudesse fazer e pudesse ganhar dinheiro era bo sei fazer música caipira. Chico Buarque gosta de dizer, de brincadeira, que ele faz sete rocks tarde, muito bem, ele faz, mas o rock que toca nunca será um desses sete que ele faz numa tar rocks musicais. E rock é outro tipo de força, não é que não sejam musicais. É outro tipo de ene é a musicalidade. É a barbárie, é a força de suspender o sujeito do estômago pra cima. Tudo b sei porque não sou teórico, mas acho engraçado o Guilherme não acreditar em nada do que e porque ninguém ouvia também e nem ligava, e ter me mandado fazer música caipira.

Marina Amaral - Então, você nunca caiu em tentação de fazer alguma música mais comercial?

Tom Zé - Eu não sei se cairia. Agora tem uma coisa, eu fico pensando assim: estou vivo até hoj que não me aproximei de música fácil? Toda vez que eu sento pra fazer uma música penso, qu pra fazer um sucesso.

José Arbex Jr. - Você busca o sucesso, então? Comercial?

39

Tom Zé - Sim. Xiquexique, que as moças dançaram na Olimpíada, eu pensava que ia ser um su comercial.

Adalberto Rabelo Filho - Menina Amanhã de Manhã também.

Tom Zé - (cantarolando) ...menina amanhã de manhã quando a gente acordar quero te dizer... pensava que seria um sucesso comercial.

José Arbex Jr. - Você fez uma série de referências estéticas aqui, o que demonstra que tem u preocupação de elaboração estética que não é tão intuitiva assim, procura elaborar teorica me estética.

Tom Zé - Absolutamente... José Arbex Jr. - E, do ponto de vista de uma teoria estética, você ac linguagem é mais erudita ou mais popular?

Regina Porto - Só um parêntesis aí, para completar a informação: teu último disco tem um pou manifesto da estética nova que você fala. A estética do plágio.

Tom Zé - Não é da estética nova propriamente. É da estética do plágio, que os tropicalistas qui que nisso eu estava só botando um nome novo na Antropofagia. Gil, um dia, me perguntou isso programa da TV da Abril, eu falei assim: "Não, Gil, é muito diferente, eu nem me importo com o pensam, eu dou a resposta outro dia, que agora já está no fim do programa". "Acho que nem v isso aqui, tenho certeza que é outra coisa. Mas só queria dar um exemplo musical, porque mús futebol: é uma arte que todo mundo entende - quem disse que música é como futebol foi Décio Então é o seguinte: eu tenho uma música que é uma música que ninou a todos nós, que eu sim queria tocar de novo, que é assim: nã-naram-nã, nã, nã, nã, nã... (cantarola trecho melódico de Tem que ser cantado para ter a experiência. Aí eu faço a pergunta: alguém se lembra? Ningué mas acontece que sei que na cabeça de todos vocês isso parece alguma coisa. No palco eu fa malandragem com isso. Agora, sabe o que é isso? Isso é: (cantarola nã, nã, nã, nã, naran-nã... Hey Jude, dos Beatles). É invertido, inversão é uma técnica que se estuda na escola em músic dodecafônica e serial. Você pega o tema, inverte pra lá, inverte pra cá, inverte pra lá. João Se por exemplo.

José Arbex Jr. - João Sebastião? (rindo)

Tom Zé - O senhor Bach lá, por exemplo, pegou uma peça de Vivaldi em dó maior, passou pro bemol maior e assinou João Sebastião Bach. A palavra autoria não quer dizer autor, vem de au porque é assim: na Amsterdã e na Veneza do século 17 - que era o lugar rico do mundo naquel os músicos iam pra lá, os príncipes levavam os bons músicos, a música se desenvolvia lá -, o q chamava de um bom moteto... mas moteto não é popular, uma música qualquer dessas danças da Europa.

Cláudio Júlio Tognoli - Giga.

Tom Zé - Giga, obrigado. Uma boa giga era a que mais se aproximasse de uma espécie de giga Hoje é diferente, quer dizer, menos no axé. (risos gerais) Mas a boa giga daquele tempo era co hoje. Sempre bem parecida, que não tivesse nada de novidade. Isso significava que essa autor giga padrão se deixava emanar para a giga feita pelo compositor. Então, autoria vem disso, de A palavra depois virou autor e hoje significa, cada vez mais, o compositor que faz uma peça qu à armação estética ou à melodia, é uma coisa inesperada pra nos distrair. E é nisso que eu tra trabalho da novidade. Eu só chamo uma coisa de música - só faço uma tentativa quando existe comove o interesse. Mas isso é uma coisa minha. Não quer dizer que todo compositor seja obri Os caras da caipira são craques de fazer caipira: aquele problema de amor, aquela coisa que impressão de que, se eu pudesse formar uma escola com compositores mais ou menos popula quisessem trabalhar com alguma coisa que a pessoa... Desculpe, eu quero falar de uma coisa Vamos ver se sou capaz. A empregada lá de casa, Agostinha; os empregados da farmácia; os ponto de táxi, converso com essas pessoas, essas pessoas todas são meu público-alvo. Porqu inteligência a que eu me refiro e que procuro na minha música não é uma inteligência cartesiana universidade ensina. As pessoas do povo têm uma inteligência que a gente ignora, uma intelig não-cartesiana, não-aristotélica. Eu trabalho pra elas. Não trabalho pra um fracasso. Não trab USP. Não trabalho com pessimismo. Eu trabalho com otimismo. Tanto que fui cantar no festiva Rock onde só tinha moleque de dezoito anos, semi-analfabeto, meninos empregados de sorvet mocinhas que trabalham em casa de família e todo mundo se lavou de rir. Por quê? Minha músi mudou, eu não fiz nenhuma concessão: cantei Nave Maria, cantei O Dólar Moeda Falsa.

José Arbex Jr. - Você faz música popular então?

40

Tom Zé - Eu faço música po-pu-lar! (escandindo as sílabas) Agora, eu não consegui ainda muito com Lao Tsé, aplainar certas angulosidades, arredondar certas circunferências malfeitas. Não consigo ainda ter um produtor bom, mas agora vou trabalhar com Heraldo do Monte, José Miguel Wisni Siqueira, gênios dentro de uma certa música que é contra a música que a gente combate.

Ricardo Kotscho - Esta semana você fez um show com o grupo Stomp, que seria quase um balé de percussão, tem performance, aí eu pergunto: é um caminho novo que você está procurando?
Tom Zé - Não. O Stomp, eu fui lá por causa de Marilda Vieira, uma pessoa que trata com muita pessoa carinhosíssima, delicada e me fez muitos carinhos, não é desse mundo da selvageria de dinheiro. Ela é quem estava organizando e eu fui nisso para prestigiá-la. O Stomp é um bom grupo. Agora, eu não quero saber de nada disso. Outra coisa importante: você, que está lendo esta revista (dirigindo-se ao gravador), saiba que, quando falo que estou interessado em criação, não estou em todos esses aparelhos que tocam disco ao contrário, todos esses computadores que tocam e fazem aquelas coisas que dizem geniais. Aquilo é uma merda. (gargalhadas) O que acontece tanto com aquilo, quanto com um violão, uma viola velha se pode fazer música ruim ou música boa não é o câo, mas todos os artistas executivos - os poetas executivos de plantão - estão usando o que fazem música, é mentira. Eles não estão fazendo nada, aquilo não é música. O que é aquilo. Os instrumentos que tento fazer, que invento, nada têm a ver com aquilo. E aí eu queria dizer seguinte: você está em sua casa, em sua solidão, no seu quarto sozinho, com uma pequena idêntica parece não valer nada, que é apenas uma quase primeira-dama peirciana na sua cabeça, e você pega aquilo, você abre o jornal e vê: "Tom Zé estourou não sei o que nos Estados Unidos". Esqueça no outro dia, você abre: "O rock não sei de que do Hip Hop fez uma maravilha". Esqueça isso. Certo no meu trabalho foi uma ideiazinha boba. Se eu contar aqui, você diz: puta que pariu, é esse veado faz sucesso nos Estados Unidos? Isso é um moleque! Isso não é nada! O que é que peguei uma bateria batendo lá em casa, gravada por um amigo. Uma bateria mais longa, uma rápida, mais lenta. Aí eu pego um violão e faço como se fosse um contrabaixo - é um obstinado: uma frase longa ou curta no baixo e contamina o ritmo da bateria. Como se o contrabaixo, que depois no lugar do meu violão, regressasse na sua história e virasse instrumento de percussão - incapaz de fazer harmonia e canto. A mesma coisa vai ser tocada, na oitava, pela guitarra - aí problema de instrumentação, porque o baixo sozinho não se escuta; e a guitarra dobrando o baixo na oitava acima, se escuta. Quando isso contamina a bateria e parece que o samba está meio de lado eu e Neusa dizemos: que beleza, tá bonito. Aí eu pego dois cavaquinhos e vou lá pra cima - pro fazer um contraponto entre isso que já está embaixo, que eu já gosto, e um cavaquinho. O contraponto que ser, ritmicamente, muito exigente. Tem que ser ajustado como um parafuso de um carro. Tem um elemento tem de responder a outro, e lá em cima pode haver quase fugir da tonalidade dissonância é bonita -, mas ainda deve manter uma tonalidade. Ora, não se pode chamar isso de tonalidade, você sabe que tonalidade é a relatividade da tensão e do repouso. Como há um acorde: tensão então, eu vou criar de outra maneira; tonalidade aí é outra coisa, que tem relatividade de outra maneira mas muito bem, eu faço esse contraponto exigente. Aí faço o quê? O cavaquinho também não é cavaquinho vira um instrumento de percussão. E tudo isso pode se chamar cozinha. Todo mundo que é cozinha, né? É o talaco-taco, taco-taco. Então, o contrabaixo, a guitarra, o cavaquinho, a cozinha de minha música, com a bateria e a percussão. Daí eu digo assim: o que é que eu posso fazer. Tenho que arranjar uma coisa que a pessoa possa se engrajar. Por exemplo: tem o negócio de sujeito diz: filho da puta. E se eu disser meta sua grandeza! Enquanto eu digo meta sua grandeza diz: onde é que vai meter? Mas, se eu contrariar a expectativa e disser meta sua grandeza no banco da esquina, o banco da esquina é também uma espécie de cloaca, mas não é aquela que se está esperando. Meta sua grandeza no cu, é isso que se está esperando. E se eu fizer uma brincadeira dessa interessante porque: Meta sua grandeza no banco da esquina! Vai tomar no verbo, seu filho da puta sua usura na multinacional! Vai tomar na Virgem, seu filho da Cruz! O resultado é um certo humor que surpreende. Então eu acho que isso pode ser interessante. Vou tentar cantar isso, não com o intuito de tentar cantar de um jeito que a pessoa ouça isso, que o mais importante seja ela ouvir. E aí eu vou botar mais uma bobagem e aí, depois, David Byrne me ajuda lá, me dá mais um conselho - por que os conselhos ótimos. E então eu estou fazendo um samba, que tem uma bateria que contamine o ritmo do samba, que degenera, que fica um samba meio estranho, mas é um samba. Não é uma balada de Presley, nem de Paul Anka, nem de ninguém. É um samba, é brasileiro, é meu povo, é meu san-ta-terra. Não é por nada, não é que isso seja melhor do que os outros. É porque o mundo só pode ter o Brasil de um lado, os Estados Unidos do outro; a música brasileira de um lado, a música do outro; a música javanesa do outro, a música cubana do outro. Isso precisa, para poder o mundo organizar com diferenças. A importância disso não é patriotismo, é diferença.

Ricardo Kotscho - Tem um verso seu, antológico, da música São São Paulo, que fala em aglom solidão, que é a melhor definição sobre São Paulo que eu já ouvi. E tem quase trinta anos. Hoje definição você daria? Ainda é a aglomerada solidão?

Tom Zé - É, nós gostamos. Eu tive que gravar novamente essa música. Eu achava que ela nece um arranjo, mas, ajudado por Zé Miguel Wisnick, não mudamos nada. Eu queria mudar, não pu uma palavra.

Ricardo Kotscho - Então não muda nada em trinta anos?

Tom Zé - Nada. Só muda a população, né? Bom, enfim, a gente cantou e eu falei mais a música cantei, e fiquei admirado como ela tinha força ainda: São oito milhões de habitantes, aglomera Por mil chaminés e carros gazeados a prestação. Que naquele tempo não se falava em poluiçã procurar uma metáfora lá com o nazismo: gazeados a prestação. E quem me inspirou foi o **Hiro Amour, de Alain Resnais**, tanto que a música no princípio ia se chamar São Paulo, Mon Amour, referir ao filme, que isso aqui estava virando uma bomba atômica, como acabou virando, né, a estamos aí...

Cláudio Júlio Tognolli - Quando os Rolling Stones vieram aqui a primeira vez, o Keith Richards f fazenda em Matão e falou que aprendeu a afinar a guitarra dele num mi aberto que é uma técni caipira. A gente sabe que 90 por cento das músicas dos Rolling Stones são feitas com essa afi diferente. Então eu te pergunto: tem alguma coisa nova sendo produzida no Brasil, hoje, que p contribuir para exportar tecnologia?

Tom Zé - Ótimo! Deus lhe abençoe. Olhe, o Brasil é o único país no mundo que tem lastro para moeda chamada música. A Europa do norte, Júlio Medaglia é marido de uma alemã, Sabine, e dizer que aqueles países estão exangues, miseráveis, não têm mais nada. E realmente, um dia Suíça, num restaurante num castelo, e tinha um casamento numa daquelas salas imensas. E ti populares, eu falei: "Vamos ver esses músicos, que legal". Cheguei lá, sabe qual é a música de leiii-tiii... É música popular deles, fora isso era a música mexicana dos anos 60. Não se pode ac lá na Bahia que tem 38 maneiras de improvisar num martelo galopado, num isso, num aquilo, n outro. Vai em Pernambuco ouvir todos aqueles gêneros. Vai no Maranhão. E aí eu vou contar u governadora do Maranhão chamou dois irmãos metralhas nos Estados Unidos, botou dentro d com um estúdio hoje que cabe quase dentro de um livro. É um estudinho assim. Levou para Sã todas as bandas folclóricas, todos os grupos folclóricos de todo o Maranhão, pra esses moleq e levarem para a América do Norte e oferecer a compositores que queiram fazer músicas com influência ou com esse material, e depois mandarem uma porcentagem pras crianças daqui. O inocente dessa governadora - que Deus a abençoe e leve pro céu com os anjos. (risos) imagin músico, posso testemunhar isso, imagine você que, quando eu ouço um bumba-meu-boi, uma em Irará, faço dez músicas só com aquela energia. É a alma que está naquilo, são séculos que naquilo. Agora, qual é o americano que vai ouvir isso e vai dizer honestamente: "Está bom, est isso influenciado". Imagine você que a alma do povo do Maranhão foi reunida - a alma, quinhn sofrimento e arte. Sofrimento não é arte, mas tudo bem, o nordestino fez arte com o sofrimento governadora pegou quinhentos anos de sofrimento e arte, aquelas escalas estranhas, aqueles desafinados, aquela microtonalidade, que o papa proibiu, que a música ocidental foi proibida d desde o segundo Concílio de Trento, em mil quinhentos e tanto que nós não temos microtonali Nordeste faz isso, o Norte e o Sul. Há todos aqueles detalhes, todas aquelas formas estranhas, aqueles procedimentos que vêm de outra metafísica e, logo, é outra estética. Tudo isso para o ouvirem e dizerem: "Eu quero, eu não quero". Mas será possível, meu Deus, que a alma do Mar vendida!

Regina Porto - Você não gosta muito de falar em ressentimentos quanto à sua "segun nos anos 70, você sente este momento como uma espécie de acerto de contas? Consagrado n Unidos, você trouxe toda essa onda de modismo de música brasileira lá, o resgate dos Mutant Tropicália; tudo isso quem começou foi você, nos Estados Unidos... Tom Zé - Pode ser uma tes isso. Regina Porto - Não, é um fato! Começou com você e depois, por sua causa, foram pesqui tropicalismo e caíram nos Mutantes e reeditaram isso em discos etc. etc. Minha pergunta é: te ou não? Tom Zé - Eu aceito, mas lhe peço: aceite como tese. Se é revanche? Olha! Um lado pu pode ver assim. (risos) Mas ele é derrotado tão rapidamente por meu prazer de ver! Bom, eu n candidato a nada pra dizer isso, né, não vou ser nada. Não sei, quando me oferecerem 200 mil fazer uma propaganda de cachaça, se vou aceitar ou não. Eu ainda estou em observação. (ris quarentena, então posso dizer qualquer bobagem. Eu tenho solidariedade e amor, por exempl

42

penso nas pessoas. Isso é tão ridículo: solidariedade tá fora de moda. E por isso eu digo, quando estudar, comi graças a uma bolsa de estudos. Quando a revolução de 1964 estourou, eu ia sair. Ai, Ernest Widmer, o suíço, me chamou, pra surpresa minha, e disse: "Você vai sair da escola? Vou". Fiquei admirado de ele saber, eu não era nada lá. E vim saber, através dele, que tinha o primeiro lugar no vestibular. E ele me disse: "E se eu lhe desse uma bolsa?" Porque os alemães não são gênios, é possibilidade de trabalhadores. Lá, é um negócio humilde da desgrama, com pouco dinheiro que eles gastam. Eu disse: "É claro que eu fico". Ele aí disse: "Vou lhe dar 20 cruzeiros pensão era 15, o restaurante universitário era nada e eu vivia de 5 cruzeiros. O regulamento eu dizia assim: dentro de dez anos você vai pagar o que comeu aqui. Quando eu vou ver, dez anos aqui na miséria, não tinha dinheiro pra nada, no ostracismo, aí recebi uma conta e fiquei emocionado: "Nossa Senhora! É isso com que eu vou pagar aquela escola maravilhosa, aqueles professores encantadores, aquele negócio que salvou o meu lado de pessoa que quer aprender, que era eu querendo compreender o Nordeste, depois da primeira compreensão proporcionada pelo Euc Cunha"? Eu aí disse: "Olha, não tenho dinheiro para pagar agora, mas vou pagar um pedaço agora e um pedaço depois". Num instante paguei, feliz da vida. E quero terminar de fazer umas coisas que consegui: os instrumentos experimentais, certas idéias, tomara que dê tempo, então fico trabalhando toda, mas, se parar, eu quero ensinar, quero pagar ensinando. Por exemplo, se eu me oferecesse governadora de lá pra ir mostrar aos meninos que aquilo é valioso e que eles podiam desenvolver arte com aquilo - é claro que iam aparecer axés, contra-axés, mas iam aparecer também bons artistas do axé também não quer dizer mau artista sempre, mesmo porque é emprego. Eu respeito porque senão eu nem vivia nesse diabo desse governo. Então é isso, não tem retaliação, não tem. Sabe o que é que tem? Eu estou feliz, ora meu Deus! Que diabo, eu estava com tanta raiva de tudo agora parece que fui feliz a vida toda. Então está bom: eu sou feliz a vida toda! Olha aí: "O Pai de Vocês bem sabem o que isso significa na América (aponta matérias de jornais americanos que chamam As "Mães da Invenção" é uma coisa inventada pelo Frank Zappa (Mothers of Invention era a obra de Zappa) e aqui o nego me bota o título de Pai da Invenção. O New York Times gasta páginas por nos Estados Unidos e o diabo. Então, o que é que eu queria dizer com isso? Porque isso, por si só, nada. Eu queria dizer que talvez eu fosse capaz de chegar ao Maranhão e chamar todos os grupos que registrava tudo em filme e em gravação, e aí começava: vamos fazer grupos de estudo. Na Bahia um negócio chamado Projeto Axé, uma organização não-governamental que não tem nada a ver com o contrário, que me consultou esta semana para saber se era possível os meninos com que eles têm oportunidade de fazer um tipo de música outro, com liberdade. Não é ir logo pra cima do câmbio elétrico. E eu que conheço na Bahia uma coisa chamada. Uma coisa de percussão que não tem nada com aqueles grupos, uma coisa maravilhosa. Quer dizer, lidar com tudo o que é em princípio e arte é sempre assim: o embrião da coisa artística está sempre no limbo, entre o ridículo e o brilho só trabalho aí. Eu só trabalho correndo risco. Não é heroísmo nem nada. E esses meninos fazem Issucatasson. Então eu falei com essas pessoas de lá do Projeto Axé que procurassem esse tipo de coisa. Vamos dizer que eu tivesse oportunidade de ensinar lá no Maranhão. Não preciso de muita coisa de um quarto para trabalhar, sossego, estar bem com Neusa, enfim, eu gostaria de ensinar. É isso."

Ricardo Kotscho - Saindo um pouco da música, você viaja muito por aí, conversa com muita gente o Brasil tão desanimado, sem esperança, um pessimismo como está hoje aí. Onde você vê esperança? Tom Zé - Eu tenho esperança em certos artistas - aí, quais são?, meu Deus, aí eu vou esculham -, nessas organizações não-governamentais, essas pessoas que carregam a humanidade no colo são a anistia em pessoa. Tem muita gente assim.

Sérgio de Souza - Tem toda a juventude, também.

Tom Zé - Sim. Sobre a juventude eu tenho um verso: Vai, vai, Vai, vai, Vai, vai, Brasil, destrói a filha teu. Pra depois poder chamar-lhe adulto. Faz-lhe este insulto, tem uma fase antes do cinis gente pelo menos tem que crer. Antes de se vender, de se render, de se corromper. A gente entra em algum PT. Tem a juventude, né, que é deturpada para poder virar adulto. O pai diz: "Vai moleque, está atrás aí de PT, não sei o que, de revista Caros Amigos, de Tom Zé, de idealistas sonhadores idiotas. Tom Zé já podia ter ficado rico há muito tempo". Não fiquei rico porque não."

Marina Amaral - Mas, quando você fez aquele show no Abril Pró Rock, tinha um monte de gente semi-analfabeta que gostava daquilo. Então, o povo gosta do que mandam ele gostar, do que ele gosta? Aí a gente fica na questão ovo e galinha, as gravadoras apostam para vender, mas acreditam que determinada coisa vai vender e não outra? Não se está tolhendo o gosto dessa

é uma burrice também?

Tom Zé - Tá bom, então escolhemos um diretor de gravadora: Pedrico de Pereira Pinta, grande multinacional Joneleca Baleco Feca. Ele, por acaso, gosta de Beethoven? Ele, por acaso, gost Porter? Ele, por acaso, gosta de Scelsi, que está fazendo novamente música microtônica, que proibiu não sei quantos séculos atrás? Ele, por acaso, gosta de ver Beethoven naquela aflição de tudo já estar feito - o procedimento de Beethoven era esse, ele precisava fazer alguma coisa Mozart já havia feito acabado tudo o que tinha para fazer, Haydn também. Ele, por acaso, gost gosta do que ele está querendo vender ao povo. Ele não está sendo contraditório, não. Ele olh "Ah, isso aqui é bom para o povo". Ele pensa que é bom porque ele gosta. Eu não contei para v história da minha coisa do Tchan. O Tchan faz uma música que só é fraca porque é muito igual E isso realmente ninguém pode agüentar. Mas eles fazem uma música, até, que é do samba de interior da Bahia. Eu cresci vendo aquele tipo de coisa deles. Nesse ponto, eles são até resgat uma coisa. Agora, eu não gosto daquele negócio de chega a bundinha pra cá, chega a bundinh fico com vergonha, não é que eu não goste de bundinha. (risos) Ai, a moça me ligou, para me p release deles, do Tchan - eu faço releases, vocês sabem. E - veja o fracasso dessa venda dele me disse: "Olhe, nós queremos transferir o Tchan da classe econômica para a classe executiv simbolismo, que coisa bonita, o português lá está trabalhando: tem gente empregada lá que sa língua. Muito bem, aí vêm aquelas palavras: estou te dando o briefing, estou te dando o não sei não entendo metade das palavras, mas, como trabalho com uma gravadora que só fala inglês, mais ou menos catando, porque eles só falam inglês. Outro dia, o sujeito me pediu para falar in televisão e eu disse assim: "Mas falar inglês na televisão, só se fala inglês no Brasil, porque eu inglês na televisão?" Muito bem, então briefing pra cá, briefing pra lá e tal. Eu falei: "E como é Ela me falou: "Vou te mandar agora de tarde". Mandou. Eu tô vendo lá os músicos e suas músic fiquei envergonhado da primeira: A bundinha vai, a bundinha vem, chega aqui, chega pra lá, c Eu aí fechei o disco, falei: "Neusa, eu não agüento". E nós precisamos de dinheiro. A moça não me pagar caro, mas disse que a gravadora está investindo grande dinheiro para transferir o T classe tal pra classe qual. E eles queriam que eu fizesse o release para avaliar, e não foram m nessa procura de nomes importantes, não. A Folha de S. Paulo publicou duas meias páginas fa mas falando. A Folha de S. Paulo só fala de coisas consideráveis e Arthur Nestrovsky, esse crit respeitável, coitado, eu não sei por que coisa lá, fez uma crítica falando mal. Mas, veja, eles co ocupar o espaço da Folha de S. Paulo para falar deles.

José Arbex Jr. - É, o Caetano elogiou.

Tom Zé - Não, mas Caetano tem outro tipo de problema lá. Eu não quero criticar Caetano por is gente pode viver sem essas músicas, sem essas rádios FM. Eu não ouço, mas acho que elas d são emprego. Mas o que há é o seguinte: já existe um público que não quer esse outro tipo de esse público precisa ter suas rádios, precisa ter seus guetos.

José Arbex Jr. - Mas você é um intelectual.

Tom Zé - Não, eu não sou.

José Arbex Jr. - Um sujeito que vem numa entrevista, cita toda a história da música desde a Id uma aula de estrutura melódica não é intelectual?

Tom Zé - Desculpe, parece que estou querendo ser humilde, não é? O que eu quero defender é outro tipo de inteligência que eu persigo, que é uma inteligência que não é cartesiana, nem me QI. Eu venho aqui como um antiintelectual, como uma coisa qualquer, que não tem nome ainda gerais), mas fico observando coisas. Agora eu quero lhe mostrar como entrei na civilização, p sou dessa civilização. Eu engano que estou nela, é por isso que digo que não sou intelectual. Q tem até sete anos, sua mãe lhe ensina o beabá. Be-a, bá; be-é, bé; be-i, bi; aí você entra na esc entrei, aí a professora imediatamente completou o ensino do ABC. E um dia ela mandou ler um Mandou ler o texto, em língua portuguesa, todo em sinaizinhos - esse é o alfabeto que os grego lá pelo século 5, o alfabeto fonético, essa maravilha, que traduz todas as línguas. Eu me iniciei hora. Então, eu sentei - e todo mundo tinha que ler em silêncio, e essa era a grande novidade: visto textos, mas esse era comunicação oral, para ser lido alto, não era como aquela leitura sil Então aqueles sinaizinhos estavam lá, e eu lia: "Pedro precisava voltar para casa, porque tinha problema" - sei lá o que era - "e ele pediu licença à professora, a professora permitiu. Ele levam caminhou, pediu desculpas aos alunos, saiu pela porta". Ai, eu dizia: que coisa difícil, será que está entendendo? Ai, "Pedro falou com a professora" - e eu me perguntando: será que esse sin comunicando que Pedro disse uma palavra à professora? Que a palavra atravessou o ar, foi no professora! "Ai, a professora permitiu, Pedro levantou e caminhou". Digo: porra! Caminhar tam ser escrito? Tudo isso era um absurdo para mim. "Ai o Pedro se despediu dos alunos e saiu an

chuva" - então, a natureza também pode ser descrita! A chuva e o homem andando, tudo ao m e está escrito aqui em pouquíssimas palavras. Ah, bicho! Eu pensei: será que todo mundo aqui assim? Será que isso é verdade? Eu fui pra casa e fiquei sentado a tarde toda pensando: será é assim? Será que isso existe? Não é estranho que eu tenha tido tanto espanto, porque isso é pra mim. Porque, na verdade, todo mundo sabe que, quando a invenção de Gutenberg entrou modificou o mundo. E isso ia modificar a minha vida, era natural que eu tivesse tido espanto, e onde vinha a sensibilidade para eu ter tanta percepção. Eu não tinha nada intelectual, só tinha puro, sem palavra para me socorrer, para intermediar entre mim e o sentimento. Ai eu dizia as então, quer dizer que eu posso escrever para outra pessoa, quer dizer que a outra pessoa esc outra? O mundo todo, nesse momento, está falando um com o outro, assim? Mas então chegou nova, que eu não sabia que tinha, chegou um novo padrão. Chegou uma nova ordem. Depois, a muita gente decifrou isso. Aquele que está fora de moda, o McLuhan, decifrou isso de uma ma clara. Eu acho que é importante trazer isso, para poder argumentar que eu não vivo como intel passei a ter, também, os recursos da capacidade de ler e de receber informação pela leitura. eu fui treinado em outra coisa. E a coisa que eu treinei antes está mais em mim do que a que a depois. Os meus elos aos oito anos são mais fortes do que dos oito anos pra cá. Quem sabe eu fazendo outra coisa? Vamos fazer uma brincadeira? Eu, depois dos oito anos, estudei música, dodecafonía, estudei politonalidade, serialismo, o pós-moderno da escola de Viena, estudei tu bolsista, como cê-dê-efe filho da mãe. E eu não fiz nada disso. Não faço, não me interessa. Eu já foi feito, já acabou. De todo modo, acho que é um argumento interessante sobre isso de eu n intelectual. Não é que eu ache que é vergonha. Eu gostaria muito de ser. Por exemplo, Zé Migu meu amigo, Zé Miguel é um intelectual no bom sentido. Porque Zé Miguel é uma pessoa humild para todos. Mas ele me trata com carinho porque sabe que eu não sou do nível dele intelectual sou outra coisa que ele respeita. E eu acho que ele, ele e talvez vocês - pela cara que eu estou fazerem aqui, agora - são raras pessoas que estão fazendo essas coisas, essas humanidades. talvez de otimismo? É agora, talvez os filhos da gente possam ver o mundo, respeitar, não deix fase antes do cinismo, não é? Então, isso é otimismo.

Marina Amaral - Você volta para tua terra?

Tom Zé - Sim. Eu estou lá todo dia, telefono pra lá todo dia. Eu olho na Folha todo dia se chove l Folha tem o mapa da chuva, no Estado também tem, mas o da Folha eu comecei entendendo m no da Folha. Então, eu olho o dia que chove em Irará, o dia que não chove, e quando tem chuva grossa armada, porque aí fica preto o lugar, com as nuvens escuras, eu digo: "Choveu mesmo Folha disse que ia chover". (risos) Eu tenho todos os amigos de infância. Eu sei quem foi, quem quem morreu, quem não morreu.

José Arbex Jr. - Como você é visto lá? Como o pessoal te recebe?

Tom Zé - Primeiro, assim, com bastante alegria, como se um colega deles alcançasse uma fam coisas bonitas e as pessoas gostsem. Ficam contentes, me tratam com o maior carinho, eu me Os amigos mesmo.

José Arbex Jr. - Você não virou um doutor, então?

Tom Zé - Não, para eles, eu sou um cantor de cantiga, não é?

José Arbex Jr. - E, da tua família, quem está vivo ainda?

Tom Zé - Minha mãe já não compreende mais. Quando ela compreendia, gostava. Agora, está anos. Quando a conheci, ela tinha 32 anos. (risos) Ah, aquele cheiro de pó-de-arroz, era o que naquele tempo, aquele colo, aquela mulher bonita. E eu gostava tanto da atenção dela que tive para ela ficar olhando pra mim, e falando em mim. Asma era um sofrimento terrível, mas era u eu deitava lá, sofrendo, e minha mãe dizia: "Ele saiu de casa, foi tomar chuvisco não sei aonde, tossindo..." (risos) Era eu o assunto daquela boca linda, né? (risos)

José Arbex Jr. - E a relação inversa: você com São Paulo. Você se sente nordestino em São Pa integrado? Ou sente que existe de fato uma segregação, um racismo?

Tom Zé - Bom, existe uma coisa curiosa, não é racismo propriamente: eu tenho cara de interio tabaréu, que aqui chamam caipira, né? Por exemplo: eu vesti essa camisa - essa camisa é de s vim assim porque ia trabalhar com vocês, né, para fazer boa figura. (risos) E, um dia, eu estava camisa na porta do prédio lá de casa e saltou de um carro uma senhora que não era do prédio pra mim: "Pegue esses pacotes". Eu fui lá e peguei. (gargalhadas) Eu não me importo. Eu estu

escola na rua Madre Cabrini, que tem aquele colégio lindo ali na frente, e tem um senhor que v guarda-chuvas, sombrinhas e ontem eu estava abaixado, comprando um guarda-chuva e um b que eu gosto - daqueles que Guga usa pelo contrário, eu gosto de usar pelo contrário também abaixou uma senhora e disse assim pra mim: "Ah, você vende Zona Azul?" Eu ri, não sabia o qu e ela me disse: "Pois me dê duas Zona Azul". (risos) Isso prova o quê? Que as pessoas não des mim. Eu tenho cara de nordestino mesmo, não é? Não me importo com isso. Mas é claro que h muito conhecido, às vezes eu vou na feira - todo mundo hoje, na feira, fala comigo, depois dess subida que eu dei na audiência e tal -, aí eu digo: "Neusa, agora eu estou bastante conhecido, disse que sou cabeça: esse aí é cabeça". (risos)

José Arbex Jr. - Fiz essa pergunta porque queria saber se a música que você fez para São Pau homenagem de um estrangeiro ao país estranho ou de alguém que se sente integrado.

Tom Zé - Não é nem uma coisa, nem outra. É uma observação que eu fiz durante um tempo em aqui. Eu cheguei em São Paulo em 1965, depois em 1968, para ficar. Naquele tempo, a moda e de São Paulo. Lembra? No tempo da ditadura, nos primeiros cinco minutos, quando você conh pessoa, ela imediatamente falava mal de ditador, de milico e tal, porque ela queria se identifica pessoa de nível. E todo o ambiente artístico, nos primeiros cinco minutos, falava mal de São Pa maneira de se identificar, era um status. Falar mal de São Paulo era uma qualidade do povo art reparei que as pessoas, apesar disso, aqui ficavam, aqui ganhavam. E aí tive a idéia de fazer e São Paulo é a solidão aglomerada, tudo o que eles diziam, eu só fiz reescrever. São onze milhõ habitantes/ De todo canto e nação/ Que se agridem cortesmente/ Correndo a todo vapor/ Se a todo o ódio/ Se odeiam com todo amor. E botava solução, que é o que eu via eles fazeram: Por defeito/ Te carrego no meu peito/ São São Paulo, quanta dor/ São São Paulo meu amor. Era se presença dessas oposições, e assim é toda a letra. Tem um verso curioso que diz assim: Salva caridade/ Prostitutas invadiram/ Todo o centro da cidade/ Armadas de rouge e batom/ Em Bras veraneio/ No Rio de Janeiro é banho de mar/ O País tá todo tá de férias/ Aqui é só trabalhar. Er pilhéria. Foi tomado como hino de amor, porque, vocês sabem, tem uma coisa que o gatilho da comunicação às vezes dispara e aí não há jeito de fazer entender o que é que está atrás do gat

Regina Porto - Você acha que pertence a essa linhagem dos baianos barrocos?

Tom Zé - Barroco, sim, mas baiano, não. Porque eu não sou da Bahia, eu sou do interior, é dife nunca virei baiano de Salvador.

Regina Porto - É mesmo? Você separa, Bahia para você é Salvador?

Tom Zé - É muito diferente. A comida é diferente, o pensamento é diferente. A Bahia, todo mun a fotossintese, a Bahia é a maravilha e tudo. Mas, no Itará, também a gente se queima de sol, fi bronzeado e se vira. E eu sou mais o tipo de - eu não sei fazer a fotossintese de lá -, mas sou m gente assim do Recife. Tanto que eu fiquei agora mais recifense, fiquei muito amigo do Otto, d Zumbi, do Cascabulho, do Fred 04, das meninas daquela banda maravilhosa que gravaram Xiq Comadre Florzinha. E na Bahia eu tenho uma biógrafa, desculpe, só para contar isso, uma pes consciente, uma jornalista jovem, está trabalhando muito carinhosamente, chamada Tatiana Li eu sou barroco, falo muito...

Neusa - Menos do Kid Vinil, que você não falou até agora...

Tom Zé - Ah, sim, o Kid Vinil e a Marilda Vieira. Eles me botaram nessa gravadora, eu agora nã menino de rua, tenho uma casa, tenho colegas, me levaram para lá. Já pensou, né, vinte anos trânsito, eles me deram banho, (gargalhadas) me deram roupas bonitas - me deram roupas me porque eu precise de roupas, né; mas porque tem toda aquela estratégia da roupa. Bom, eu ac tenho mais nada para falar... eu queria falar só do automóvel. (risadas) Eu estou entusiasmado assim: o negócio do automóvel surgiu em 1980 e aí se fundou o Proálcool e o Brasil fez o prime álcool. Aí, em 1983, 84 e 85 teve o grande boom, todo mundo queria, resolveu-se aquele proble que não pegava no frio e tal. Eu gosto muito disso, porque foi uma coisa só feita no Brasil. Foi u brasileiro, digamos assim. Um outro Pelé brasileiro além da bossa nova, além do tropicalismo. quando o país estrutura, inaugura arquétipos de indústria ou de arte, isso é malha de relações grau. Isso é arte do nascedouro.

Entrevistadores: Regina Porto, Marina Amaral, Cláudio Júlio Tognolli, Ricardo Kotscho, Flávio Arbex Jr., Marco Frenette, Adalberto Rabelo Filho, Sérgio de Souza.

A obra (até hoje):

CDs

46

Com defeito de fabricação, Luaka Bop/WEA, 1998; TRAMA, 1999. POSTMODERN PLATOS, 19 de Com defeito de fabricação, Luaka Bop/Warner. NO JARDIM DA POLÍTICA, 1998. Document (show gravado ao vivo no Teatro Lira Paulistana), TZ. PARABELO, 1997, GC 003. 20 PREFERID 1997. RGE. PRESTÍGIO 7, 1994. RGE. TOM ZÉ, 1994, Warner Music Brasil. THE HIPS OF TRADI Luaka Bop/Warner. THE BEST OF TOM ZÉ, 1990, Luaka Bop, selo de David Byrne e Warner.

LPs

NAVE MARIA, 1984. CORREIO DA ESTAÇÃO DO BRÁS, 1978, Continental. ESTUDANDO O SA Continental. TODOS OS OLHOS, 1973, Continental. TOM ZÉ, 1972, Continental. Relançado em título Se o Caso É chorar. TOM ZÉ, 1970, RGE. TOM ZÉ, 1968, Rozenblit.

Compactos

TABA, 1976, coleção infantil da Editora Abril, volumes 6, 11, 27 e 36. Tom Zé compôs, cantou e temas musicais e atuou. CONTO DE FRALDAS; TEU CORAÇÃO BATE, O MEU APANHA (Tom Z Pignatari), 1974. BOTARAM TANTA FUMAÇA; DODÓ E ZEZÉ (Odair Cabeça de Poeta/Tom Zé); ANGÉLICA E CONSOLAÇÃO; QUEM NÃO PODE SER TCHAIKOVSKY, 1972. IRENE (Caetano Ve renda-se (Tom Zé/Valdez); SE O CASO É CHORAR (Tom Zé/Perna); A BABÁ, 1971, RGE. SILEN DOIS; SENHOR CIDADÃO, 1970. ESCOLINHA DE ROBÔ; LÁ VEM A ONDA (Tom Zé/Anderson B jeitinho dela; bola pra frente, 1969. você gosta? (Tom Zé/Hermes Aquino); feitiço são são paul intensivo de boas maneiras, 1968, Rozenblit. não buzine que eu estou paquerando; sem entrad nada, 1965, RCA.

Compactos Duplos

sÓ (solidão); tÓ (Elton Medeiros/Tom Zé); a felicidade (Antônio Carlos Jobim/Vinicius de Moraes solteira) (Tom Zé/Elton Medeiros), 1976, Continental. Arena canta bahia, 1966, RCA.

47